

**Apontamentos da Síntese de Julián Carrón**  
**no Centro nacional dos universitários de Comunhão e Libertação**  
Milão, 9 de junho de 2018

Todos percebemos, esta manhã, o alcance do desafio que a familiaridade com Cristo representa para cada um de nós. Nosso amigo perguntava no início: como chegar a reconhecer esse «rostos, em última instância singular», que tem «traços inconfundíveis também naqueles que Ele próprio criou como sinal de Si?» (L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 2001, p.148). Essa é a questão decisiva. E acrescentava que o que o surpreendia era que justamente o relacionamento pessoal com Cristo era a origem declarada de uma letícia que via em alguns amigos à sua volta.

O caminho que tentamos fazer esta manhã nos ajudou a entender melhor em que consiste essa familiaridade. Logo nas primeiras intervenções ficou claro que essa familiaridade não acontece em abstrato, fora da realidade, mas diante dos nossos olhos, graças a fatos que acontecem. Alguns fatos introduzem-nos em algo diferente, remetem-nos para a presença d'Ele. Redescoberta que aconteceu com a pessoa que interveio primeiro e nos falou da conversa que teve com um velho companheiro do colégio, que encontrou alguns anos depois. Leitor apaixonado de Nietzsche e de Sartre, pessoa brilhante e cheia de iniciativa, esse colega o tinha procurado porque não estava passando por uma boa fase: «Estou atravessando circunstâncias que me fazem pensar que existe algo mais do que o que eu acreditava até há pouco tempo», escrevera-lhe ele. «Como você trabalha com o coração já há algum tempo, eu gostaria de vê-lo para tentar descobrir se pode me ajudar a ver alguma coisa também sobre mim». E depois, quando se encontraram, disse-lhe: «Descobri-me mais fraco, mais frágil do que eu pensava, e as coisas mais bonitas que me aconteceram nestes últimos anos não foram aquelas que eu quis criar, dominar, mas aquelas que não fui eu que fiz: começo a pensar que elas me foram dadas». Nessa altura, o nosso amigo conclui: «Mas para mim também este momento tão bonito com você carrega a mesma evidência, a evidência de que você, agora, me é dado». Ouvindo essas palavras, o colega fica profundamente surpreendido, faz uma pausa, repete essas palavras, e agradece-lhe. Como pode acontecer tal percepção do outro? «Eu pude dizer aquelas coisas graças a uma consciência que aprendi enquanto fazia determinado caminho. Graças à sua admiração, porém, eu reconquistei essa consciência como acontecimento, como algo que acontecia e não como alguma coisa que eu tinha apenas guardado no decorrer dos anos». O colega fica maravilhado, tomado pelo olhar que recebeu: esse olhar é para ambos um acontecimento que leva a alguma outra coisa.

Esse acontecimento pode ter ocorrido num momento da vida e, depois, a pessoa pode também ter-se afastado, como a jovem de que falou o amigo de Florença. Apesar de ter encontrado a experiência dos colegiais, nos anos da universidade ela tinha se afastado. Este ano o seu pai adoeceu e morreu, e ela entrou em contato com uma pessoa do Movimento que a tinha tocado naquela época, e que a convidou para passarem um dia juntas. No final do dia, ela escreveu: «Alguma coisa dentro de mim me disse: 'Eu quero viver assim, como eu vi hoje'. Eu não quero admitir que tudo isto vem de um Outro, com um O maiúsculo, ainda que seja evidente; sei que é um problema meu, um problema de familiaridade, não de conhecimento abstrato. Mas depois do que aconteceu, apesar da minha atitude niilista, devo confessar que desejo essa familiaridade». Quando a pessoa se afasta, corre o risco que todos corremos: que a vida acabe no nada. A verdadeira alternativa em relação à vida é essa: niilismo ou familiaridade com Cristo. É a alternativa diante da qual nos encontramos não apenas esta manhã, mas em nosso tempo: não estamos aqui para fazer jogo de palavras. O que arrancou aquela jovem do niilismo não foi um discurso, mas o reacontecer do início: foi a experiência que ela teve com alguém presente, não com uma ideia, não com uma imagem, não com uma coisa do passado ou com o que ela aprendeu nos anos dos colegiais. Se Cristo se torna um fato do passado, como se tornou para ela, então a vida entra no niilismo, fica à mercê do nada. O oposto pode ser visto quando volta a acontecer com ela a mesma coisa da primeira vez, de uma forma tão radical que exige o máximo da sua

liberdade, forçando-a a decidir. Dizia: «Eu quero viver assim, apesar de eu não querer reconhecer que essa novidade vem de um Outro». É a sua liberdade que está em jogo: ela, como cada um de nós, é chamada a decidir por causa do que lhe aconteceu ao encontrar alguém. Todos nos damos conta de que, mesmo estando diante de muitos fatos, como aquele que ela descreveu, muitas vezes é como se bloqueássemos o nosso olhar, nós ocultássemos o caminho que conduz à familiaridade com Cristo. E se essa familiaridade não invade a totalidade da vida, o nosso eu fica dividido, exposto ao niilismo.

Mas em que consiste a familiaridade de que falamos? Foi decisivo, a esse respeito, o percurso descrito pela intervenção de uma de vocês, quando observa que essa familiaridade não é determinada pela quantidade de dados que temos sobre Cristo, por quantas coisas nós sabemos dizer sobre Ele, ou pela quantidade de fatos que nós colecionamos, mas pelo maravilhamento com a Sua presença acontecendo, isto é, por uma experiência na qual a totalidade do nosso eu é tomada, atraída, agarrada. O problema não é saber mais coisas, mas se estamos diante de algo, de Alguém que prende o nosso coração, como aquela jovem de quem acabamos de falar. Não se trata de aumentar os dados que tenho do outro, porque de muita gente conhecemos "vida e milagres", mas não nos prendem o coração nem por um momento. A familiaridade não é dada pelas muitas notícias que tenho, pelos muitos fatos de que eu tenho conhecimento: pode haver teólogos que escrevem livros e livros sobre Cristo, mas quantos deles foram tomados por Cristo? O mesmo é verdade para cada um de nós. É o maravilhamento com a Sua presença, algo que envolve a totalidade do nosso eu, que dá origem à familiaridade, uma proximidade de coração com Cristo. E podemos ver quando alguém a vive pela liberdade que ela tem em relação ao presente e ao futuro, pela forma como podem ocorrer os relacionamentos, as situações, o trabalho. A familiaridade com Cristo não é o resultado de um silogismo: «Portanto, eu tenho de dizer: *Jesus*», como algo acrescentado; antes, floresce dentro da experiência de uma correspondência única com a nossa humanidade, que faz crescer o maravilhamento com a Sua presença.

Quantas vezes, perante os fatos que foram narrados esta manhã, vocês se surpreenderam – graças a um maravilhamento que tomava todo o vosso ser – dizendo «Tu», pronunciando o Seu nome? Ou o «Tu» foi a conclusão de um silogismo, o resultado de um «Portanto»? Digo isso para nos ajudarmos a fazer um caminho: caso contrário, contamos fatos excepcionais, mas é como se já soubéssemos a resposta por antecipação e, portanto, nós a acrescentamos no final da história e do raciocínio. Se não nos maravilharmos realmente com o acontecimento de Cristo em ato, nunca nos surpreenderemos dizendo: «Tu». Como foi diferente o que nos testemunhou a intervenção da nossa amiga, quando disse que, após a conversa com uma sua amiga, ao perceber que vivia, perante a mesma situação problemática, não o escândalo e o ódio pela forma como as coisas tinham ocorrido, mas uma alegria e uma liberdade («não pude evitar dizer *Tu*»). Cheia de admiração, ela reconheceu que aquela alegria e aquela liberdade estavam nela porque Cristo tomava cada vez mais a sua vida.

Foi o que aconteceu com os discípulos no episódio da pesca milagrosa. O que diz o Evangelho? Vão relê-lo. Qual foi a reação de Pedro à superabundância da pesca? Também os discípulos sabiam muitas coisas sobre Jesus, mas quando veem aquela «enorme quantidade» de peixe, o que acontece? Dão todos os passos até chegar ao «Portanto ...»? Não. «O maravilhamento apodera-se dele [Simão Pedro] e de todos os que com ele estavam, por causa da pesca que haviam feito» (Lc 5,9). Tinha acontecido um fato cuja única explicação era aquele «Tu», aquele homem presente, que lhes dissera para lançarem as redes, embora não tivessem apanhado nada durante toda a noite. O reconhecimento daquele homem, de quem ele era, da sua excepcionalidade – um reconhecimento que começava a fazer o seu caminho em Pedro e nos outros discípulos – não era a conclusão de um raciocínio feito em torno de uma mesa, mas o resultado de um maravilhamento inigualável, que atravessava todo o ser deles: estavam diante de uma presença excepcional, que punha em movimento toda a razão e toda a afeição deles, que desafiava qualquer medida, despertava uma questão inexorável, e mudava as suas vidas profundamente, tornava-os cada vez mais plenamente eles mesmos.

Nós podemos ver que é Cristo porque tem uma tal densidade de realidade que me faz livre, feliz. Dizia o nosso amigo de Bolonha, falando de uma amiga que conheceu recentemente: «Quando ela está presente, eu estou feliz». Ele não disse: estou feliz porque a terra existe, mas porque ela existe, uma presença, um «tu». Isto é fundamental para entender quando dizemos coisas reais. Nós percebemos que Cristo está presente porque Ele nos faz livres, felizes, nos permite fazer uma experiência que de outra maneira seria impossível. Se Cristo não fosse uma presença plena de realidade, não conseguiríamos explicar essa liberdade, essa alegria. Não somos visionários, não temos de imaginar nada, só precisamos reconhecer o que existe, sermos totalmente leais ao que acontece. E se não chegarmos aí, ao reconhecimento da Sua presença presente, à familiaridade com Ele, nós não encontraremos nenhuma resposta verdadeira para a exigência de totalidade e de unidade da vida, que cada um traz gravada no seu próprio ser, uma resposta de que cada um de nós precisa para ser si próprio.

Quem começou a experimentar a novidade que Cristo introduz na vida e a reconhecer a Sua presença – nos fatos concretos da vida, através dos sinais humanos de que Ele se serve para Se fazer contemporâneo – pode realmente compreender o método que Cristo estabeleceu para responder à nossa exigência de totalidade: «Siga-me».

O método não é mais do que uma convivência com a Sua presença, como diz o Evangelho. No episódio da pesca milagrosa é evidente. Eles não tinham conseguido apanhar nada a noite toda. Jesus os vê quando, desanimados, estão lavando as redes e diz a Simão: «Vão para o largo e lancem as vossas redes para a pesca». Simão responde: «Mestre, trabalhamos a noite toda e não apanhamos nada; mas, sobre a tua palavra, lançarei as redes» (*Lc 5,4-5*). Graças à confiança que aquele homem já tinha gerado neles, lançam as redes. Nós podemos fazer milhões de esforços durante toda a vida, como eles tinham feito durante toda a noite, e pode não acontecer nada, porque a realização não é uma coisa que nós podemos gerar. Cada um pode fazer todas as tentativas que quiser, seguir as suas próprias imagens, mas deve sempre verificar se as suas tentativas e as suas imagens o levam ao que pretende alcançar. Agora, se passou a noite toda e não apanhou nada, lembre-se de que existe uma outra possibilidade, como para os discípulos: que chegue Alguém, faça uma proposta e lhe diga: «Lance as redes», e a você, que é um especialista em pesca, mas que não foi capaz de fazer nada durante toda a noite, abre-se para você uma outra possibilidade, justamente porque você percebe que as suas tentativas, seguir as suas imagens, seguir a sua medida, seguir aquilo que lhe vem à cabeça com toda a sua boa vontade, não produz o que você procura.

E é quando estamos mais pobres que, talvez, estejamos mais dispostos a nos abrir para uma possibilidade que alguém nos oferece, que não vem de nós, que não dominamos. Como a jovem cujo pai morreu e, anos depois, se abre novamente para uma possibilidade que já tinha entrado na sua vida e procura alguém que já a tinha tocado, que lhe telefona e lhe diz: «Venha passar um dia comigo», e algo de imprevisível acontece; volta a ocorrer aquele acontecimento que a escancara, a faz renascer, provoca a sua liberdade. O cristianismo é esse acontecimento, e não a nossa tentativa: não é uma coisa que você produz com o seu esforço, com os seus planos, ou que se ajuste à sua medida, quando você escolhe o que você quer do que lhe é proposto, fazendo você mesmo a sua sopa. O cristianismo é um acontecimento, uma coisa imprevista, imprevisível, não construída pelas suas mãos, irredutível aos seus projetos, que lhe faz experimentar uma plenitude que você não consegue obter com as suas capacidades e que desperta uma atração que não se compara com qualquer outra, convidando-o a seguir. «Lancem as redes». Fizeram-no e «colheram uma enorme quantidade de peixes e as redes se rompiam. [...] E, vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: “Senhor, afasta-te de mim, que sou um homem pecador”» (*Lc 5, 8*). É alguém presente, é um Tu, diante de quem Pedro diz: «Senhor, afasta-te de mim», vendo toda a sua pobreza comparada com Aquele que tinha à sua frente. Ajoelhou-se diante de Alguém de carne e osso. Sem aquele Tu não teria havido todas as outras consequências, a começar pela superabundância da pesca e pelo maravilhamento. Esse é o ponto: sem aquele «Tu», nada teria acontecido. Por isso segui-Lo, estar com Ele, ir com Ele à pesca, era para eles mais

interessante do que ir ter com este ou aquele rabino para fazer a leitura do Antigo Testamento, ou ir ao templo de Jerusalém: tinham se deparado com o Mistério presente, com Deus feito carne. Essa é a diferença que entrou na história com Jesus; e se nós não a percebemos, não saímos daquilo que semeamos, do curto fôlego das nossas tentativas.

O que é necessário, então? Qual é o método? Seguir a Sua presença tal como ela se dá, segui-la a ponto de ir pescar com Jesus, acolher a Sua iniciativa, «Lancem as redes». Se não seguirmos a Sua presença, não seremos capazes de construir sequer um instante daquele maravilhamento de que Pedro foi invadido, porque é Cristo quem o torna possível, a ponto de tomar a totalidade da nossa pessoa. Esse é o maior desafio que irrompeu na história: ir pescar com Aquele homem era a chave de acesso ao que todos procuramos, era a forma como se tornava experimentável a resposta à expectativa que todos, ainda que de forma confusa, temos: a verdade era Alguém que eles tinham à sua frente. E o método não mudou desde então até agora. Se vocês não querem perder o melhor, se cada um de nós não quer perder o melhor, a primeira coisa essencial é reconhecer onde é que o Mistério acontece, onde é que Cristo se torna presente, e decidir seguir a Sua presença de acordo com a forma como ela se move (hoje é ir pescar em Cafarnaum, depois de amanhã em Nazaré, no dia seguinte Caná...). Se nós não seguirmos o modo de se mover dessa Presença na história, não experimentaremos o cêntuplo («Quem me segue terá o cêntuplo ...» – cf. *Mt* 19,29). Se não tivéssemos vindo aqui esta manhã, não poderíamos ter visto o que aconteceu diante dos nossos olhos. E isso é válido para tudo o que iremos nos propor para os próximos meses: vocês têm assim o critério para decidir, porque só aqueles que têm consciência do método escolhido por Cristo é que podem decidir da forma certa. Como dizia a canção *Allong the Jordan river*, «sem Ele já não consigo entender as coisas»: é por isso que O seguimos, seguimos a Sua presença tal como ela acontece e se propõe à nossa vida. Sem aquilo que aconteceu conosco, não conseguiremos entender completamente as coisas.

Um episódio recente ilustra isso de forma clara. No último mês de março, uma professora universitária do Movimento, que é *memor Domini* e vive no Cazaquistão há dezessete anos, devia ter participado de um encontro de responsáveis da região dos países ex-soviéticos, que ia acontecer em Vilnius, na Lituânia. Já tinha comprado as passagens de avião, mas antes da data percebeu que, para participar, tinha que faltar dois dias de aulas antes dos exames. Estava bloqueada nessa situação e perguntava-se se devia ir: estava fortemente tentada a renunciar, para respeitar os compromissos que tinha. Chega à universidade, e o diretor da Faculdade vê que ela está transtornada e pergunta-lhe: «O que está acontecendo?». «Estou aborrecida porque fui convidada para ir a Vilnius, a um encontro – e explica-lhe do que se tratava – mas aqui há muitas coisas para fazer e percebi que não posso ir». O diretor – de tradição muçulmana – diz-lhe imediatamente: «Mas você deve ir! Se você não for lá, para o que você vai servir aqui? Peço que vá, porque se não for a um encontro tão decisivo para você, nós não poderemos aproveitar aqui da forma como você vive o trabalho, como você lida com as coisas. É por isso que precisa ir». E ela: «Mas eu tenho muitos compromissos». «Dê-me a lista das coisas que você precisa fazer: eu as faço por você». Com isso clareou todo o horizonte (podem ler a história no número da *Passos* de julho). Às vezes, é preciso vir alguém de fora para nos tornar conscientes do que significa participar de um gesto que tem um alcance crucial para a vida quotidiana, para nos tornar conscientes de como o encontro que nos aconteceu determina uma novidade na forma de conceber e tratar tudo.

Se não carregarmos em nosso olhar o que vimos esta manhã, se não crescer a consciência de que é só seguindo a presença d'Ele, tal como ela acontece, que podemos gerar uma liberdade, uma alegria, uma fecundidade na forma como vivemos todas as situações, aí vamos nos perder na primeira curva da estrada, não teremos um critério para decidir o que fazer – a partir das propostas deste verão. O diretor do Cazaquistão percebeu de forma lúcida que se aquela professora do Movimento não participasse daquele lugar, daquele encontro em Vilnius, seria inútil ali, no Cazaquistão, porque a contribuição muito original que ela dá na sua forma de trabalhar depende do seu «ir à pesca com Ele», e a pesca era em Vilnius, nesse caso. De fato, não

estamos falando apenas da pesca de dois mil anos atrás: «Ir pescar com Cristo» coincidia, para ela, com o participar daquele lugar para onde Cristo, através do Movimento, a convidava a ir. Cada um decidirá como vai responder às propostas que o Movimento lhe faz, mas qualquer que seja a decisão que tomem, verifiquem o que acontece. Você acha que pode não seguir a forma como a presença d'Ele acontece e o provoca? Está bem, verifique e depois – como aconteceu com a jovem que regressou anos depois – poderá perceber se a imagem que você tinha feito corresponde à verdade ou não. Se não verificarmos que só a familiaridade com Cristo é que regenera a vida, e que essa familiaridade aumenta participando daquele lugar onde Ele se torna presente, «indo à pesca com Ele», nós vamos acabar por esquecer a familiaridade e seremos como pessoas vagantes, à procura de qualquer migalhinha de satisfação, e vamos nos tornar cada vez mais cétricos, presas do niilismo. Essa é a verdadeira escolha: entre a familiaridade com Cristo e o niilismo.

Não estamos aqui perdendo tempo, estamos diante do verdadeiro desafio, aquele que diz respeito a todos: verificar se a última palavra sobre a vida é o nada ou se existe uma outra possibilidade. O companheiro do colégio que lia Nietzsche e Sartre, quando a vida começou a apertá-lo, foi bater à porta do nosso amigo, porque o tinha visto viver de uma forma diferente. Cada um de nós precisa rever a presença d'Ele acontecer, pois ninguém está livre do risco de perder o seu caminho, de pensar em safar-se com os próprios projetos.

Se agora marcamos encontros, e avisamos a todos, é para dizer: «Olha que este verão a presença d'Ele se move desta maneira, provoca você e o apoia desta forma». Jesus não desaparece, não se torna uma mera inspiração, e cada um imagina-O como quer. Não! Cristo é uma presença, é um acontecimento agora, e este verão oferece-lhe pontos de encontro para que você possa ser chamado de uma forma mais clara e persuasiva, para que você possa seguir com maior facilidade e enfrentar os seus desafios diários com um fôlego humano. Cabe a cada um decidir. Não venham aos gestos que o Movimento lhes propõe porque o coordenador lhes manda vir. Não! Se quiserem fazer outra coisa, então façam-na para que cada um possa verificar. E ainda que alguém se engane, não é isso que me interessa: aquilo que conta é que a pessoa poderá entender a diferença entre seguir as suas próprias ideias ou seguir a proposta que o Movimento lhe faz (como o percebeu a jovem de que falou o nosso amigo). Nem tudo é igual.

Todos vimos, no caso da «caritativa», como simplesmente seguindo um gesto aconteceu em muitas pessoas uma mudança do eu que tem a ver com a totalidade dos fatores. A dimensão de um aviso é, então, como se dissesse: «Lance a rede!». Quem aceita fazer isso pode testemunhar o milagre, ser invadido pelo mesmo maravilhamento de Simão Pedro. Todos os gestos que o Movimento lhes propõe são a renovação desse convite: «Lance a rede!». «Mas eu não apanhei nada esta noite!». «Dada a sua história, você tem razões para confiar?». Só quem confia poderá ver o resultado.

Acrescento que todos os gestos são propostos em sua totalidade. Uma pessoa, livremente, pode não aceitar, porque não está suficientemente convencida do seu valor. É como se Jesus dissesse: «Venha pescar comigo», e ela respondesse: «Não, esta noite tenho outro compromisso». Bom, vá a esse compromisso, quem a impede? Mas – se pensarmos – se Jesus viesse e dissesse: «Quer vir fazer esse gesto comigo?», e uma pessoa como única resposta dissesse: «Depende», talvez não tenha percebido do que se tratava. O Movimento desafia-nos a ver todos os gestos como a ternura de Cristo que nos convida a «ir pescar com Ele». Você pode decidir se quer aderir ou não: verificará o que irá acontecer, num caso ou noutro. Não se preocupem se somos muitos ou poucos. Jesus ficou com doze, nós também podemos recomeçar com doze. Só se houver pessoas que vivem uma paixão pelo que lhes aconteceu é que poderão atrair também os outros.

Boas férias a todos!